Museus escolares: trajetória histórica e desafios à luz da museologia social¹

Marcele R. N. Pereira^{*}

Recebido em: 21/08/2019
Aprovado em: 14/10/2019

^{*} Professora de Museologia na Universidade Federal de Rondônia; pró-reitora de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis; coordenadora da Regional Norte do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) e vice-presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM). Doutora em Sociomuseologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) em Lisboa/Portugal; mestre pelo Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO/PPG-PMUS) e graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: marcellepereira07@gmail.com.

Resumo

Objetiva-se, discutir o tema dos museus escolares, em perspectiva histórica a partir do surgimento, ainda no século XIX, do Museu Escolar Pedagogium e da atuação do Museu Nacional e seu Serviço de Assistência ao Ensino, fundado em 1926. Esta trajetória à luz das questões da museologia social e da educação museal contemporâneas contribuem para a problematização de um novo tipo de museu escolar, nesse caso, comprometido com os aspectos históricos, sociais e educacionais da sociedade e da comunidade a que pertence. Assim, consideramos que os museus escolares podem proporcionar à escola meios e alternativas para o desenvolvimento de ações dialógicas a partir da Museologia e da memória, compreendidas como metodologia educacional em articulação com variados temas de interesse escolar.

Palavras-chave

Museus Escolares; educação museal; museologia social

Abstract

This article aims to discuss the school museums in a historical perspective from the rise of the Museu Escolar Pedagogium in nineteenth century and the Serviço de Assistência ao Ensino created in 1926 at the Museu Nacional (Rio de Janeiro/Brazil). This analysis, based on the up to date social museology and museum education, is important to the problematization of a new kind of school museum committed to the historical, social and educational aspects of the community which it belongs. Thus, we consider that school museums can provide tools and alternatives to the school in order to development of dialogical actions based on Museology and memory as educational methodology in conjunction with several themes of school interest.

Key words

School museum; museum education; social museology.

Museus escolares: trajetória histórica e desafios à luz da museologia social

Introdução

A atuação dos museus escolares, que surgem em 1883 com a finalidade de abordar a história do ensino a partir da fundação do Museu Escolar Nacional, sofre, ao longo de sua trajetória, diferentes transformações e, por conta delas, adaptam-se a novos formatos, propostas e objetivos, ajustando-se com flexibilidade às necessidades políticas e sociais. No Brasil, a partir do século XIX, por exemplo, os museus escolares são defendidos e apresentados como proposta educacional integradora por diferentes personalidades políticas e acadêmicas que apostam neste modelo de museu como impulsionador da educação nacional para níveis mais elevados.

No entanto, este modelo de museu, mesmo após várias tentativas institucionais de implantação e de experiências diversificadas, não vigorou com êxito na experiência brasileira. A política pública de difusão desta experiência nas escolas, como almejava a classe intelectual de educadores da república, idealizadores do projeto em âmbito nacional, não se consolidou. Por mais interessante que a ideia pudesse parecer à época, sua aplicação encontrou diversos entraves e sua atuação foi restrita. O desejo de ver replicadas as propostas de museus por um maior número de escolas não se concretizou. No entanto, algumas experiências como a do Museu Nacional do Rio de Janeiro produziram trabalhos, atuando por longos anos no fomento aos museus escolares e a partir de seus idealizadores deixou acúmulos e reflexões importantes para o estudo do tema. Alguns fatores que contribuíram e contribuem para o não avanço desta proposta no âmbito das escolas, podem ser enumerados: os avanços conceituais e metodológicos no campo dos museus e da educação; as dificuldades de execução do museu junto às escolas e as críticas ao modelo “ultrapassado” dos museus escolares, onde a percepção é a de que os museus escolares atendem a simplificada fórmula do laboratório visual, sala de objetos históricos e repositório de todas as coisas... Estes e outros entraves permitem projetar possíveis interpretações para o pouco interesse na ampliação das experiências de museus escolares como política pública.

Assim, a partir desta análise histórica preliminar, consideramos importante pensar em uma nova geração de museus escolares ancorados na museologia social e compreendidos pela escola e pela museologia como ferramenta que pretende exercitar a prática e a reflexão de questões sociais por meio da exploração metodológica das possibilidades do campo museológico e sua relação vital com o campo da educação.

Os museus escolares e pedagógicos

O desenvolvimento da perspectiva educacional dos museus é um processo que pode ser percebido nas diferentes fases de constituição do campo museal. Desde as mais remotas experiências de museus, passando pela discussão de novas perspectivas de museu público estabelecendo um relacionamento diferenciado com a sociedade, com as escolas e demais grupos de interesse, estes espaços se pautam intimamente com a educação, contribuindo especialmente com os processos e métodos pedagógicos.

Os museus que tratam especificamente da educação contribuem de forma específica para construir a memória deste campo de conhecimento, pois promovem uma articulação com as escolas, propiciando a difusão de aspectos intrínsecos relacionados às práticas do saber educacional. Estes museus surgem inspirados em iniciativas que pretendem valorizar aspectos da instrução pública, com vistas a ampliar a educação como produtora de nações e civilidades.

Neste sentido, nos séculos XVIII e XIX, especialmente na Europa assiste-se a uma grande multiplicação de museus dedicados ao tema específico da educação. Gondra cita os museus pedagógicos de Londres (1851), Canadá (1756), Petersburgo (1864), Washington (1871), Roma (1875), Amsterdã (1876), Tóquio (1877), Paris (1879), Berna (1879) e outros tantos como em Bruxelas (1880), Lisboa (1882) e Madri (1884). Segundo Gondra,² essas experiências acabam por servir de exemplo para os demais países que pretendem desenvolver a instrução nacional com vistas a ampliar o nível educacional do país.

As exposições nacionais e internacionais, também podem ser consideradas como estímulo e impulso à criação de museus de educação como iniciativa dos Estados nacionais, de particulares e de associações de professores. Estas exposições universais, segundo Pesavento:

Funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade os novos tempos... No papel de arautos da ordem burguesa tiveram o caráter pedagógico e efeitos de mostruário das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, a disciplina, do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica.³

Assim, a ideia de um museu escolar ou museu pedagógico tem inserção, segundo Bastos⁴ na representação da modernidade educacional brasileira, a partir de 1870, decorrente da participação nas exposições internacionais, do contato com as publicações e de visitas a estabelecimentos estrangeiros. A participação do Brasil nas exposições, a partir de 1862, em Londres, permitiu mais contato com o processo de

consolidação da educação como signo de civilidade, progresso em uma sociedade moderna.⁵

Os educadores encontraram, nestes espaços, importantes contribuições para os trabalhos em que a observação exerce fator fundamental no processo pedagógico e auxilia no entendimento das aulas. Por isso, os museus escolares foram compreendidos como uma espécie de laboratórios que necessitavam de dedicação específica por parte dos professores e, muitas vezes, este fato foi também o principal motivo de críticas e de contestação de sua permanência no ambiente escolar. No entanto, em uma perspectiva mais crítica, esses espaços passaram, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, por uma profunda involução.⁶ Para os americanos, por exemplo, os museus escolares iniciaram seu processo de regressão quando sua fragilidade foi posta em xeque e a ilusão de que estes espaços poderiam ser mantidos pelas escolas foi desfeita com o tempo e com as notícias acerca do abandono das coleções nas escolas.

No Brasil, especialmente o Museu Nacional de História Natural, fundado no Rio de Janeiro em 1818, dedicou-se à criação e à difusão de museus escolares, por meio de parceria realizada com as escolas. O Museu Nacional criou, em 1926, a seção de assistência ao ensino de História Natural e por meio dela potencializou a relação com as escolas.⁷ Em atendimento a uma de suas funções, o museu ofereceu suporte técnico para as escolas interessadas em estabelecer pequenos museus em suas dependências.

Paulo Roquette Pinto, filho de Edgard Roquette Pinto, e Bertha Maria Júlia Lutz, ambos técnicos do Museu Nacional, defenderam pontos de vista diferentes sobre a atuação dos museus escolares e sobre a atuação do Museu Nacional na proliferação destes espaços. Protagonizaram discussões recorrendo a experiências de outros países e autores da educação para embasar suas opiniões. Vejamos o que dizem esses profissionais.

No livro *Organização e preparação de museus escolares*, Paulo Roquette-Pinto, apresenta a tese de alguns autores modernos que introduziram, na escola, conhecimentos que contribuem de modo decisivo na formação dos novos métodos de ensino, pautados no ensino com liberdade. O autor, técnico do Museu Nacional, apresenta as teorias de Ferrière, que diz ser a criança como planta “sem impedir o desenvolvimento natural de sua personalidade o mestre deve cuidá-la, dirigi-la, fornecer-lhe o alimento nutritivo, os materiais e os espirituais para que ela os assimile sem transtornos, sem indigestão, sem violência”.⁸

Também cita Fröebel que introduziu um fator de relevância na prática educativa: “a verdadeira educação devia desenvolver-se pela ação, germinar com a ação, crescer com a ação e fundar-se na ação”.⁹ Podemos identificar, a partir do texto de Paulo Roquette-Pinto, a preocupação em ressaltar que educadores norte-americanos como Francis W. Parker, John Dewey, J. Liberty Tadd partem das ideias do pensador Fröebel, que concentra teorias a respeito da concepção fundamental da natureza infantil e a indispensável atividade escolar. Fröebel defendia a educação espontânea e, para ele, o caminho era deixar a criança livre para expressar seu interior e perseguir seus interesses. O autor adotava a ideia contemporânea do “aprender a aprender”. Para ele, a educação se desenvolve abertamente. Quanto mais ativa é a mente da criança, mais ela é receptiva a novos conhecimentos. O ponto de partida do ensino seriam os sentidos e o contato que eles criam com o mundo.

Os métodos propostos por Paulo Roquette-Pinto para o ensino de História Natural pautam-se nas atividades de observação direta da natureza, estudos dirigidos, excursões, composições e descrições, brincadeiras com os alunos para atividades de descrição do ambiente e atividades educativas não-formais. Outras atividades recomendadas são o desenho, a pintura e a modelagem. Podemos também perceber que o livro apresenta outra possibilidade com relação ao que considera importante para o melhor funcionamento dos museus escolares. Por exemplo, no trecho sobre o papel desses museus e como as escolas devem se utilizar desses espaços deixa algumas dúvidas aparecerem.

Segundo Paulo Roquette-Pinto, “a primeira série de conselhos que o Museu Nacional envia a nossa classe estudiosa é o seguinte: toda escola deve ter seu pequeno museu de História Natural”.¹⁰ Em outra passagem o autor afirma: “Assim com o amparo que hoje o Museu Nacional dá às nossas escolas, todas podem possuir o seu museu”.¹¹ Após ampla discussão acerca dos métodos de ensino e também da organização dos museus escolares nos deparamos com a proposta do autor que incentiva a criação de coleções apenas de estudos. Acreditamos que essa atitude seja reflexo das possíveis dificuldades para a criação de um museu na escola, e que aponta para as diversas limitações impostas para a criação dos museus escolares; fato identificado pelo próprio defensor da ideia.

Na maioria dos casos, as nossas escolas — mesmo as da capital da República — estão longe de possuir o espaço indispensável a um museu escolar digno desse

nome. Recomendamos por esse e por muitos outros motivos que a escola não tenha um museu, mas possua uma coleção de estudo.¹²

Bertha Lutz foi cientista, militante feminista, advogada e técnica do Museu Nacional. Em 1932, produz um relatório, resultado de uma bolsa de estudos nos museus americanos, com o intuito de observar os setores educativos. Este relatório apresenta uma breve, porém significativa, abordagem sobre os museus escolares.

É importante afirmar que, nesse texto, Bertha se refere aos museus escolares com uma perspectiva bastante crítica. Ela ressalta os aspectos que, em sua opinião, contribuem para o insucesso desta iniciativa. Bertha conhecia a realidade dos museus escolares brasileiros apoiados pelo Museu Nacional. A autora se refere às escolas que receberam os materiais para a exposição como sendo lugares sem condições técnicas de manter tais coleções e, em seu relato de visita às unidades de Minas Gerais, ressalta que duas conseguiram utilizar os materiais. Diante deste fato, corrobora com as opiniões dos americanos, que viam nos museus escolares uma prática regressiva.

Para Bertha,

Se o museu escolar não for dirigido por técnico muito capaz, degenera em coleção de curiosidades composta de espécimes sem nexos. Percorrendo várias escolas do Distrito Federal, tive a confirmação deste modo de ver. Filio-me à escola que proscree inteiramente os museus escolares.¹³

A discussão proposta por Bertha Lutz não encontra eco no Brasil e o Museu Nacional segue contribuindo com a criação de museus escolares em várias escolas. Os laboratórios de biologia, as peças e amostras continuam sendo extremamente necessários para as aulas de história natural. O Museu Nacional segue desempenhando a função de parceiro no auxílio aos laboratórios de ciências naturais. Quando falamos em museus escolares neste período de incentivo do Museu Nacional, nos referimos aos museus de história natural ligados aos professores de ciências da escola.

No entanto, é importante ressaltar que os museus escolares não encontram incentivos necessários para continuar seu desenvolvimento e de forma bastante clara perdem espaço e professores interessados em dar continuidade ao seu incremento na mesma proporção em que a discussão sobre o potencial educativo dos museus ganha fôlego no campo da educação. Os museus passam a ser mais requisitados como recurso pedagógico, entrando no rol de preferência de alguns educadores atuantes no cenário nacional e internacional, que contribuem para o fortalecimento das visitas e incentivo à prática da educação nos museus.

Por exemplo, Venâncio Filho, educador brasileiro, pioneiro da escola nova, comprometeu-se com as mudanças sociais e com a educação a serviço da sociedade e da inclusão educacional no país. Suas preocupações se estenderam também ao universo dos museus quando foi convidado a escrever sobre o papel educativo que estes espaços podem desempenhar. Em 1939, escreveu, na coleção Estudos Brasileiros, um artigo de 62 páginas intitulado “A função educadora dos museus”. A convite do Instituto Brasileiro de Educação, Venâncio Filho disserta sobre o papel educativo dos museus na cidade de Petrópolis, ressaltando seus aspectos favoráveis como recursos educativos de forte apelo às necessidades da educação. Além disso, apresenta outro aspecto do conceito de museu e identifica experiências institucionais diversificadas e as características e ações voltadas para uma perspectiva educadora.

Neste conjunto que já se convencionou chamar oficialmente, entre nós, de atividade extraclasse, e que às vezes circunstância meramente topológica, torna estratosférica, os museus têm um papel e um lugar de marcado destaque, porque apresentam características próprias e como o livro constitui o mais velho destes vetores de educação e cultura.¹⁴

Sobre a relação da educação com os museus, Venâncio diz que:

Constitui truísmo, dos mais banais, afirmar-se que a Educação é o grande problema do Brasil, senão do mundo. Educação num sentido amplo e profundo, e aí as divergências começam. E por isso necessariamente ela há de se apropriar destes novos vetores da propagação das ideias, que a técnica moderna pôs nas mãos inábeis dos homens: cinema, rádio, fonógrafo, aviação, bibliotecas e museus.¹⁵

É importante ressaltar que os museus escolares contribuíram e continuam a contribuir para a difusão das práticas educativas e para formar professores e alunos. Mesmo com limitações e pontos passíveis de críticas e reflexões, estas instituições podem nos auxiliar no entendimento de como se deu a construção da função educativa dos museus, no reconhecimento destes espaços como *locus* privilegiado de educação e aprendizagem.

Podemos perceber que todo o processo de desenvolvimento dos museus escolares esteve pautado em questões muitas vezes exteriores às discussões do campo da museologia e do museu de forma geral. Em grande medida, as transformações sociais e a forma com que a educação passou a ser considerada foram fundamentais para a mudança de perspectiva com relação aos museus e o seu consequente reconhecimento como espaço fortemente educativo.

O Museu Escolar Nacional

A criação de um museu pedagógico nacional pode ser considerada como um passo importante na busca da modernidade educacional de diferentes países. No caso do Brasil, para alguns membros do poder dirigente republicano preocupados com questões educacionais, como Benjamin Constant, Menezes Vieira, Rui Barbosa, Franklin Dória e outros, a criação do museu significava um projeto de educação pública para transformação da sociedade brasileira.¹⁶ Assim, estudar a gênese de seu desenvolvimento nos possibilita compreender a percepção acerca dos museus como investimento no processo educacional e seu desdobramento para as escolas.

As discussões sobre o Museu Escolar Nacional e, posteriormente, sobre o Pedagogium, surgem a partir do texto de Rui Barbosa, escrito em 1883, e intitulado a *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Neste texto, o autor destaca o feito de Leôncio de Carvalho, no decreto de 19 de abril de 1879, que previu o alcance e a grande necessidade, não só para o desenvolvimento, como para a seriedade da prática do ensino, dos museus escolares e pedagógicos. O decreto, publicado na reforma de Leôncio de Carvalho, no artigo 8º, afirma que “o governo poderá fundar ou auxiliar bibliotecas e museus pedagógicos nos lugares em que houver escolas normais”.¹⁷ Rui Barbosa destaca que este decreto permaneceu esquecido desde a sua elaboração e reforça sua relevância, denunciando que esta não foi discutida, tampouco a contribuição que estes espaços poderiam representar para a educação popular.

A análise de Rui Barbosa traz para a discussão os aspectos da educação popular, compreendo-a como um dos objetivos principais dos museus escolares e ratifica que deve ser um dos maiores interesses de um ministro da Educação e, por isso, precisa ser discutida também por intermédio dos museus. Para Rui Barbosa, porém, não era qualquer museu. Em seus escritos a favor de uma reforma do ensino, propõe que os museus escolares e pedagógicos atendam a esta demanda a favor da educação popular. Para ele, os museus pedagógicos são instituições que devem: “generalizar-se, por todos os países onde o ensino se acha colocado na altura do apreço que lhe toca, e a firmar a posição que lhe pertence como membro essencial do organismo da instrução pública, em toda a parte onde as funções desta se exerçam regularmente”.¹⁸

O projeto submetido ao governo por Rui Barbosa previa que em cada um dos distritos escolares da capital existisse um dos estabelecimentos propostos (museus

escolares e museu pedagógico) e seria papel do governo promover e auxiliar sua fundação nas províncias. Esses locais serviriam aos benefícios do ensino e da propaganda educadora pela demonstração visual. Para Rui Barbosa, esses estabelecimentos podem ser listados da seguinte forma:

a) as coleções escolares, em parte fornecidas pela administração, em parte organizadas por colaboração do mestre com os alunos; b) as coleções escolares, que, instituídas em cada distrito, reunirão em si todo o material de ensino intuitivo que exceder os recursos naturais de cada escola individualmente considerada; c) o Museu Pedagógico Nacional, que abrange a instrução em todos os graus, e promove os seus interesses sob todos os aspectos. As funções desses locais são muitas e listadas podem ser caracterizadas por apresentação do progresso do ensino no país, a partir de documentos e materiais concretos; reunir todos os materiais técnicos do ensino em coleções completas; reunir e expor as mobílias escolares aos professores; exposição permanente de amostras e invenções produzidas pela indústria nacional e estrangeira sobre os materiais clássicos; constituir por meio de exemplos, gráficos e conferências uma escola completa de higiene escolar; estabelecer permuta de objetos, documentos e informações com as províncias e com outros países que interessem ao ensino público em todos os graus; proporcionar aos interessados na causa da educação nacional a mais completa biblioteca pedagógica; criar, manter e desenvolver por todos os modos a estatística do ensino no país, coligir e coordenar todos os dados possíveis acerca do mesmo assunto no estrangeiro, publicar anualmente em edições populares o fruto deste duplo trabalho.¹⁹

Diante de tais funções atribuídas aos museus escolares e ao museu pedagógico idealizado por Rui Barbosa, percebemos a articulação desse personagem rico para a história do Brasil com os assuntos da educação e também dos museus. Para Jorge Nagle,²⁰ as ideias de Rui Barbosa a respeito da educação e suas propostas inovadoras em benefício da melhoria das práticas educacionais em nosso país demonstram seu interesse por uma maior discussão acerca do movimento educacional a favor dos interesses sociais da população. E para desenvolver este potencial da escola e da educação, Rui Barbosa recorre ao potencial educativo dos museus.

Dessa forma não surpreende observar que o enraizamento da escola nova se tenha processado pouco depois do triunfo das ideias liberais; na verdade, o escolanovismo representou, ortodoxamente, o liberalismo no setor da escolarização. Não foi casual, agora no caso brasileiro, o fato de que a mais ampla crítica à escola tradicional e as primeiras manifestações que denunciam a presença do novo ideário educacional partisse de um liberal, o conselheiro Rui Barbosa; isso mostra, fundamentalmente, o início de um movimento educacional que é a expressão, antes de tudo, de movimentos sociais mais amplos.²¹

Rui Barbosa defende a ideia de um museu pedagógico e da disseminação dos museus escolares por compreender o papel que esses espaços podem desempenhar na difusão das práticas educativas para os professores, principais beneficiados com os

museus propostos e também para os alunos que teriam acesso aos métodos e finalidades da educação em nosso país.

Em 3 de agosto de 1883, o deputado Franklin Dória apresenta, no Congresso Nacional, o projeto de criação de um museu escolar nacional, vinculado ao Ministério do Império que se constituiria, inicialmente, com o acervo reunido pela *Exposição Pedagógica*, inaugurada em 29 de julho de 1883. Esse museu teria por fim dar conhecimento sobre a história, a estatística e o estado do ensino primário em todos os graus, em relação ao Brasil e países estrangeiros. Além disso, poderia tornar-se um centro de informações acerca dos demais ramos do ensino público.

Assim, com o encerramento da *Exposição Pedagógica*, em 3 de setembro de 1883, é fundado o Museu Escolar Nacional com a finalidade de instalar e manter um museu pedagógico no Rio de Janeiro, uma sociedade que, em princípio, foi presidida pelo Conde d'Eu com o título de Sociedade Mantenedora do Museu Escolar Nacional, para anualmente realizar exposições com os trabalhos mais notáveis dos professores e alunos.²²

O museu é criado para fazer conhecer a história e o estado do ensino do país um centro de informações nacional e internacional. Compreenderia cinco seções:

(...) documentos legislativos, administrativas e estatísticas sobre a instrução; obras didáticas, planos de construção de museus escolares; tipos de móveis escolares; instrumentos e aparelhos de ensino (quadros, modelos, coleções geográficas). Essas seções estavam distribuídas em cinco salões de leitura, biblioteca, globos terrestres, mobília de jardim de infância e caixinhas com os dons de Fröebel, e reuniões da Diretoria.²³

A década de 1880 foi marcada por uma série de debates em torno da modernidade educacional brasileira, e a criação dos museus escolares e pedagógicos foi ponto de destaque para o debate. Todas as notícias acerca de suas possibilidades e produção serviram de tema para as discussões a favor dos avanços da educação no país.

O Pedagogium surge a partir do acervo do Museu Escolar de acordo com o Decreto de nº 667, de agosto de 1890, uma medida tomada por Benjamin Constant, e é definido como centro propulsor de reformas e melhoramento da instrução nacional, oferecendo aos professores os meios de melhoria profissional, a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado. Segundo o Decreto de Regulamentação nº 980, de 1890, estes melhoramentos seriam alcançados com a:

(...) boa organização e exposição permanente de um Museu Pedagógico, conferências e cursos científicos adequados ao fim da instituição; gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais; concursos; exposições escolares

anuais; direção de uma escola primária modelo; organização de coleções modelos para o ensino científico concreto nas escolas públicas; publicação de uma revista pedagógica.²⁴

Assim, deveria ser

(...) um estabelecimento de ensino profissional, na cidade do Rio de Janeiro, que deveria ser um centro impulsor de reformas e melhoramentos de que carecia a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares meios de aprimoramento e expondo sempre os melhores métodos e o mais aperfeiçoado material de ensino.²⁵

Durante os 19 anos de existência do Pedagogium, este passou por problemas de toda a ordem. No entanto, entre eles, o que o levou a uma mudança significativa de gestão e orçamento foi a extinção do ministério de Instrução Pública, Correios e Telégrafos, em setembro de 1892, pela Lei nº 85. O Pedagogium passaria para a gestão da municipalidade. Este fato abateu profundamente as bases do Pedagogium e culminou com sua extinção, em 1919. No entanto, em 1937, é criado o Instituto Nacional de Pedagogia²⁶ e foi instalado, no ano seguinte, com o nome de Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), vinculado ao ministério de Educação e Saúde Pública.²⁷

O Pedagogium pode ser considerado uma das mais importantes inovações republicanas, no que se refere à educação e teve, como um dos seus principais líderes, o seu primeiro diretor, Dr. Joaquim José de Menezes Vieira, no período de (1890-1896).

A análise desta instituição nos permite reconhecer as intenções das políticas públicas para a instrução no campo educacional republicano. A influência e a atuação de atores sociais como Joaquim Vieira foram determinantes para a consolidação da educação brasileira, vinculando a esta elementos inovadores, métodos e avanços de uma sociedade capitalista em transformação.

Educação em museus, museus educação: educação museal

O museu pedagógico destina-se ao aprendizado dos professores e o seu acervo é constituído de mobiliário escolar, projetos de prédios escolares e material de ensino. Deve possuir uma biblioteca especializada, arquivo e seção áudio visual, de vez que se destina a mostrar a evolução dos métodos de ensino e da aparelhagem para sua aplicação. (...) O museu escolar tem por finalidade o ensino às crianças, e seu material deve servir de ilustração às aulas práticas das diversas matérias do programa, proporcionando aos professores sugestão para novos meios de apresentação do material de ensino. No planejamento deve ser levado em conta a fisionomia do meio ambiente, pois o museu de uma escola do interior não pode ser igual ao de outro, instalado em zona litorânea. Assim, será possível determinar o tipo de material, para a instituição não se transforme em depósito de coisas diversas.²⁸

O fragmento do texto de F. dos Santos Trigueiros, datado de 1958, aborda o tema dos museus escolares e propõe uma diferenciação destes com relação aos museus pedagógicos. Os museus escolares em sua perspectiva atendem especialmente aos alunos e às matérias do ensino. No caso dos museus pedagógicos, os objetivos estão voltados para aperfeiçoar a prática pedagógica e discutir conceitos e métodos educacionais. As ideias de Trigueiros nos ajudam a compreender a importância depositada nos museus escolares e pedagógicos quando o assunto era educação em museus. Os museus de natureza escolar eram considerados forte ferramenta educacional tanto para os professores como para os alunos.

O ano de 1958 foi emblemático para o campo da educação em museus. Ano de realização do Seminário Regional da Unesco, na cidade do Rio de Janeiro, cujo tema foi discutir a função educativa dos museus. Destacando a relevância da educação como uma das funções prioritárias dos museus, o seminário inaugura uma discussão que chama atenção para o fato de os participantes estarem preocupados com as técnicas e os métodos da educação aplicados aos museus. Discute-se a função que o museu deveria cumprir como meio educativo dentro da sociedade.²⁹ Este Encontro pode ser considerado um dos marcos para a compreensão de que os museus possuem dimensões educativas que são anteriores às suas funções educativas. Ou seja, a dimensão educacional do museu está intrinsecamente relacionada a ele, desde o seu surgimento. Pode ser identificada de diferentes formas e em diferentes contextos, mas sempre esteve presente no universo de intenções dos museus, seja qual for o museu. Já a função educacional de um museu é construída a partir do amadurecimento dos métodos e técnicas educacionais, dos objetivos pedagógicos estipulados, da preocupação com o ensino aprendizagem e principalmente com o papel do museu junto à sociedade.³⁰

As questões referentes à educação, compreendida aqui como processo abrangente de socialização,³¹ sempre estiveram presentes na constituição dos museus como espaços públicos e acompanharam as transformações ocorridas nas sociedades e no modo de vida em fins do século XIX.³² Neste contexto, os museus buscam adequação e tornam-se, em muitos casos, parceiros das escolas e interessados na população de um modo geral, passam a preocupar-se com os resultados de suas práticas públicas com o alcance das iniciativas oferecidas, com o aumento do público visitante e visibilidade institucional. As novas configurações políticas internacionais permitem aos museus a oportunidade de modernizar suas práticas e despertar o interesse na

readequação das ações pautadas no desenvolvimento humano, econômico e social. Neste período, podemos identificar algumas discussões acerca do papel educativo dos museus e percebemos que a partir delas tem início uma série de propostas de utilização dos museus e de suas coleções voltadas para uma perspectiva unicamente educativa. Nesse caso, um exemplo a destacar é o surgimento dos museus pedagógicos e escolares que movimentam as discussões sobre os papéis dos museus e das escolas, especialmente a relação que se estabelece entre eles.

Com frequência, a ideia de educação popular é utilizada para afirmar que este é o papel dos museus, ou seja, o compromisso com a educação do povo. Esta percepção contribui com o surgimento dos primeiros serviços educativos em museus e estes despertam o interesse cada vez maior dos especialistas sobre a educação em museus. Muitas ações educativas são desenvolvidas e estas possibilitam o fortalecimento das discussões e a ampliação das práticas educacionais dentro dos espaços museais garantindo cada vez mais a aproximação dos museus com o campo da educação.

Sob influência crescente dos educadores e das proposições políticas e sociais, os museus e seus profissionais assumem a educação como uma importante ferramenta para o incremento de suas práticas e dedicam espaço, em suas atividades rotineiras, para ampliar o alcance de suas iniciativas educacionais. Estas tomam o centro das atenções nos museus e tornam-se aspecto fundamental para os profissionais justificarem, em muitos casos, a abertura das portas e a manutenção de suas atividades.³³ Em alguns casos, podemos compreender a ação educativa dos museus como a principal alternativa para a permanência destes espaços no cenário cultural. A função social do museu acaba sendo materializada de maneira mais concreta nas ações educativas, como as visitas, palestras, cursos, o atendimento aos públicos, as cartilhas, e outras iniciativas de caráter educacional.

O aumento considerável, nas décadas iniciais do século XX, do número de visitantes escolares identifica o forte caráter social que os museus desempenham. Consideramos, como possibilidade para este incremento das ações voltadas para o público, além do interesse dos museus em ampliar seu alcance na sociedade, a influência dos movimentos educacionais que se desenvolvem em diversos países e no Brasil, como a Escola Nova, e também a atuação dos intelectuais que, dedicados aos problemas sociais, viam na educação a solução para os principais problemas nacionais.

Além dos técnicos e profissionais dos museus, muitos intelectuais que atuaram nas décadas iniciais do século XX compreendem os museus como espaços educativos privilegiados para debater sobre a igualdade educacional e a garantia de educação para todos. Assuntos amplamente discutidos no período.

Assim, não só as transformações econômicas, sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, mas também os desdobramentos do período após a guerra e a atuação dos interessados pela educação garantem aos museus um ambiente favorável de discussão sobre as possibilidades que a educação nos oferece para o desenvolvimento cultural da sociedade. Embalados por esta conjuntura nacional e internacional, reforçam todo o potencial educativo, dando início ao processo de institucionalização da função educativa dos museus.³⁴

As discussões propostas por Maria Margaret Lopes a respeito do papel escolarizado dos museus, ou a recusa a esta perspectiva como saudável para o universo das práticas educacionais museais, faz com que a autora escreva um texto emblemático para o universo da educação em museus, intitulado “A favor da desescolarização dos museus”. Seu intuito é provocar os educadores de museus a pensar em novos processos para além de servirem as escolas como complemento. O museu não seria segundo a autora um complemento para as escolas, mas sim, espaços para suscitar novas ideias a partir dos conteúdos escolares e principalmente para além deles. Este reposicionamento dos museus diante do papel da educação, inaugura reflexões importantes que colocam os museus e a educação cada vez mais próximos do que chamamos atualmente de *educação museal*, entendida aqui como uma política pública fomentada por organismos institucionais que buscam, a partir da participação de educadores dos museus, construir parâmetros, definir conceitos e atuação a serviço do fortalecimento político e institucional de um fazer educacional nos museus. Francisco Regis Lopes Ramos em seu livro *A danação do objeto* é um dos primeiros autores que cita o termo “educação museal” especialmente em contexto que inspira as articulações posteriores realizadas a partir desta ideia. Para Ramos:

A educação museal passa necessariamente pela capacidade progressiva de instrumentalizar o público para a decifração dos códigos propostos; do contrário, o monitor vira acessório permanente e corre-se o risco de pleitear mediações indispensáveis. Assim como a conquista da leitura de um texto se faz ao dispensar a figura alheia que leria para nós, a exposição também mostra sua eficiência ao criar formas de comunicação e dispositivos de reflexão sem tutela.³⁵

A partir das ideias do autor, é possível compreender a real motivação para o desenvolvimento da expressão “educação museal” em contexto nacional e institucional e sua articulação intrínseca com o campo da museologia social. Aliás aspecto que merece ser melhor trabalhado. No entanto, para este texto importa destacar os aspectos que nos permitem costurar a importância dos museus escolares e como podem contribuir com os processos de leitura de mundo criando mediações possíveis e, como diz Ramos, “sem tutela”.

Processos museais na escola: a museologia social em movimento

Um dos grandes nomes da educação em nosso país e de renome internacional, Paulo Freire, foi um pensador e pesquisador que influenciou gerações no trato com as questões da educação, educação popular e em defesa de uma educação a favor dos “oprimidos”, e em busca da liberdade. Esta concepção de educação influenciou explicitamente a Declaração de Santiago do Chile, fruto da reunião realizada em 1972, em Santiago do Chile, promovida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) — principal marco do movimento em prol da nova museologia. Esta declaração continua influenciando a museologia contemporânea e tem nas concepções de Paulo Freire motivações inspiradoras. Paulo Freire foi convidado para comparecer às reuniões de Santiago do Chile e infelizmente não pode estar presente. Nós, profissionais da área, nos ressentimos desta falta, mas constatamos que o conteúdo veiculado neste encontro apresenta as ideias de liberdade e de superação das opressões sociais tão em voga na América Latina da década de 1970.

Em *Vagues, une anthologie de la nouvelle museologie*, encontramos artigos de autores que se tornaram referência para a área da Museologia, com discussões dedicadas a uma perspectiva social. Nessa publicação encontramos, por exemplo, um artigo de Paulo Freire que fala da educação como prática da liberdade. Este fato indica a sintonia das discussões e a preocupação desta nova geração de autores que se debruça sobre a Museologia, com ênfase em seu papel social e por consequência, educacional.

Maria Célia Teixeira Moura Santos ressalta a falta de pesquisas que objetivem uma análise acerca das contribuições de Paulo Freire e suas ideias de educação popular no universo dos museus e afirma:

A busca de um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades históricas, que tem como objetivo “humanizar o homem na ação consciente que esse deve fazer para transformar o mundo”, que tem sido uma constante nas ações museológicas contemporâneas, com certeza, no meu entender, tem um

referencial bastante significativo na obra do Prof. Paulo Freire. Acho que ainda estamos devendo um estudo mais aprofundado sobre a influência desse grande educador brasileiro para a Museologia do nosso tempo.³⁶

Em um breve exercício de compreender as ideias sobre a concepção de educação popular para Paulo Freire, e de que forma esta concepção é utilizada e abordada pelos museus, ao menos em teoria, apresentamos a dimensão deste autor sobre educação encarada como uma experimentação educativa com bases comunitárias. Vejamos o que ele tem a dizer:

Experimentáramos métodos, técnicas, processos de comunicação. Superamos procedimentos. Nunca, porém abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas. Daí, jamais admitirmos que a democratização da cultura fosse a sua vulgarização, ou por outro lado, a doação ao povo, do que formulássemos nós mesmos, em nossa biblioteca e que a ele entregássemos como prescrições a serem seguidas.³⁷

Nessa perspectiva de atuação, o autor relata a experiência desenvolvida no movimento “Projeto de Educação de Adultos”, através do qual lança duas instituições básicas de educação e de cultura popular: o círculo de cultura e o centro de cultura. Sobre estes espaços, Freire aponta:

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o *círculo de cultura*. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o *coordenador de debates*. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado.³⁸

É interessante perceber as semelhanças entre a proposta dos círculos de cultura de Paulo Freire e os processos museais desenvolvidos no âmbito das escolas ou fora delas. A liberdade de atuação frente ao rígido conteúdo escolar e a constante desescolarização das práticas culturais é pretendida pela experiência de Freire e até hoje é perseguida pelos educadores de museus em suas práticas comprometidas com o potencial educacional dos museus.

Toral identifica alguns pontos discutidos no Encontro Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1958, que nos permite perceber a responsabilidade e a necessidade destes espaços em estabelecer vínculos reais com a sociedade. Vejamos o que diz:

O museu deveria desenclausurar-se não somente através de programas didáticos dirigidos à educação formal, como também da utilização de outros meios a seu alcance como o rádio, o cinema, a televisão, para atingir assim camadas mais amplas da população e poder melhor difundir sua mensagem (...) transformá-lo em um meio de comunicação atrativo que pudesse incidir nos problemas reais da comunidade. Um dos mais importantes temas discutidos foi o da exposição através da qual o museu estabelece o seu vínculo com a sociedade e da qual depende seu objetivo fundamental.³⁹

Esta responsabilidade não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a seriedade e destaque que merece, sem que a instituição perca o seu objetivo principal e tão pouco colocar em perigo o cumprimento de sua missão. A prática educacional deve estar em sintonia com a temática do museu e impulsionar reflexões que oferecem ao visitante mais que uma experiência estética.

Constatamos que, nesse seminário sobre educação, a perspectiva de educação e de função educativa dos museus que encontramos está diretamente ligada à proposição e ao incentivo à reflexão a partir das exposições. Com a ajuda de pedagogos, conservadores, museólogos e outros profissionais, a exposição e o museu podem e devem se configurar como espaços propositivos e não impositivos. Assim, no ambiente escolar, esta perspectiva permanece. Os museus escolares atentos a estas perspectivas e possibilidades de atuação podem experimentar novas formas de fazer e pensar a educação, tendo como principal público a comunidade escolar e seu entorno.

Ainda com relação às contribuições de Santiago do Chile, ocorrida em 1972, podemos identificar alguns aspectos fundamentais que corroboram o espírito inovador do processo de posicionamento dos museus à frente das questões sociais contemporâneas. Este encontro proporcionou um amadurecimento de ideias com relação à identificação da dimensão política no conceito dos museus e o questionamento sobre qual seja o papel do museu na sociedade.

Com a diferença de ter sido realizada em país da América do Sul, no idioma oficial espanhol e juntando museólogos e especialistas das Américas, a mesa-redonda trouxe, para o universo dos museus, a preocupação com o rumo dos museus no mundo e tentou sintetizar na noção de museu integral todo o potencial político e social dos museus diante das demandas sociais. O museu integral proposto na ocasião levava em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, pois os museus passam a ser compreendidos como ação e como instrumentos dinâmicos de mudança social.

No entanto, nas palavras de Hugues de Varine, participante da mesa de Santiago, nada ou quase nada mudou efetivamente no universo dos museus, imediatamente após

as considerações finais do encontro. “No resto do mundo o impacto de Santiago foi considerável, mas tardio: até a década de 1980, ninguém falava de Santiago. O *museu integral* era esquecido, a não ser por seus autores e pelo grupo de fundação do Museu da Comunidade do Creusot-Monteau”.⁴⁰

As sementes foram plantadas e até nossos dias podemos verificar que os museus e as experiências de educação herdaram, de Santiago, alguns pontos considerados norteadores das práticas que elegemos como fundamentais para o universo museal brasileiro, especialmente no que se refere à museologia social. Por exemplo, a preocupação com o surgimento de museus locais, de iniciativa comunitária, sem especialização disciplinar, e que levam em conta a identidade e os projetos de um território e de sua população. Os marcos de 1972, apresentam outras funções para o museu, dentre elas, talvez a mais emblemática: a noção de função social do museu, que aproxima a dimensão e responsabilidade política do museu, alterando o papel do museólogo neste contexto.

Importante destacar o papel de Maria Célia Moura Santos que provoca nossa reflexão acerca da realidade dos museus e de seu papel em sociedade. Nesse aspecto, abre caminhos para refletir sobre possibilidades para o campo dos museus e investe no desenvolvimento do que denomina *museu didático e comunitário*, experiência esta mapeada em sua tese de doutoramento. O Museu Didático e Comunitário de Itapuã é certamente, para o campo da museologia, uma prática que ainda aguarda outros debates e releituras. O acompanhamento do processo de constituição do museu, desde a ideia até seu desenvolvimento reflete aspectos importantes do cotidiano de um espaço de memória escolar com intrínseca articulação com o campo da museologia social. Articulação que julgamos necessária entre os novos espaços de memória que se pretendem problematizadores, questionadores e atrelados ao universo da escola.

Com a experiência do Museu Didático Comunitário apresentado por Maria Célia, observamos duas instituições convivendo a serviço de uma prática que propõe reafirmar o papel indissociável da educação para a museologia e, nesse caso, da museologia para a educação. Ambas as perspectivas convivem com a constituição de novos processos, métodos e práticas que contribuem com os projetos de transformação social e discussão crítica e cidadã dos problemas sociais enfrentados por nossa sociedade.

Ainda sobre o projeto de Museu Didático Comunitário de Itapuã, Maria Célia nos diz que:

Optei por realizar uma tese de doutorado que tivesse como objeto de estudo a implantação de um museu em um colégio público da cidade de Salvador. (Santos, 1996). Mais uma vez, busquei sair do espaço fechado da universidade, evitando construir uma tese destinada somente à academia. Assumindo que há possibilidade de produzir conhecimento em todos os níveis de escolarização e que esse conhecimento pode ser construído em uma determinada ação de caráter social, reconhecendo o papel ativo dos observadores na situação pesquisada e dos membros representativos dessa situação.⁴¹

A experiência do museu didático, por exemplo, nos permite apreender como a mesa de Santiago do Chile e a consequente interpretação do museu como espaço libertador em uma época em que não apenas se falava em teologia da libertação, mas de filosofia da libertação; contribuem para identificar os processos museais como pontos de apoio para o desempenho deste papel libertador contando com as forças criativas da sociedade, para a qual o patrimônio não é mais somente objeto de deleite, mas, antes de tudo, uma fonte maior de desenvolvimento. Sobre este aspecto é igualmente importante perceber que tudo o que liberta também pode aprisionar, tudo que é memória também pode ser esquecimento⁴² e, por isso mesmo, o museu deve ser tido como um instrumento e deve ser utilizado com vigilância, com atenção.

Considerações finais

Diante deste cenário favorável às transformações no campo dos museus e da Museologia, com destaque para o papel social que desempenham, podemos perceber que os museus escolares estão aptos a adquirir novas funções, e aceitar novos desafios, apontando para um futuro ativo, dinâmico, preocupado com as questões sociais com o intuito de alargar as possibilidades educacionais. É evidente que este espaço continuará sendo um importante elo entre a memória da escola, memória das práticas estabelecidas no ambiente escolar e continuará atuando como laboratórios, espaços de experimentação científica e salas de exposição temporárias. No entanto, esperamos que cada vez mais possam dedicar-se a garantir o desenvolvimento da comunidade escolar com a proposição de atividades dialógicas pautadas nas questões sociais vivenciadas pela escola com vistas ao desenvolvimento social, econômico e cultural de seu entorno. O museu estará na escola e a escola estará no museu em uma relação de troca entre campos do conhecimento e tanto a Museologia como a educação, ambas estarão

voltadas para a formação dos sujeitos, sabedores de si e prontos para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

O entendimento do papel dos museus escolares, especialmente aqueles idealizados por Rui Barbosa, Joaquim Vieira e tantos outros educadores e republicanos, perde, o seu papel em nossa sociedade atual. Os museus escolares passam a admitir novos formatos, novas funções, novas questões e dedicam-se a estimular os alunos e a comunidade escolar a experimentar o processo de aprendizagem de forma diferenciada, pautados nos conhecimentos advindos do campo da Museologia, como a pesquisa, a preservação e a comunicação do acervo a serviço da sociedade.

Um dos principais desafios dos museus escolares é, pois, provocar e exercitar as possibilidades do campo museológico, como estratégia de enriquecimento para as práticas pedagógicas. Os itens acervo, pesquisa, preservação, documentação, comunicação, educação e exibição/exposição podem ser utilizados pelos professores como recurso didático e pedagógico para o incremento das aulas e para a discussão acerca da democratização da cultura. A escola passa a ser a produtora de cultura a partir da atuação de seus alunos e professores.

Este novo museu escolar, compreendido aqui como um processo museal na escola, é também objeto de estudos e um desafio para quem se dedica a Museologia e aos estudos sobre a educação em museus. Os museus escolares podem representar uma nova geração de museus dedicados aos temas sociais e atuando como ferramenta dos profissionais da educação a serviço da melhoria da qualidade educacional do país. Além disso, também podem ser considerados espaços privilegiados para o exercício da museologia social, compreendida aqui como um processo educacional.

¹ Texto originalmente publicado no livro *Pedagogium. Símbolo da modernidade educacional republicana*, organizado por Ana Chrystina Venancio Mignot. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2013. Capítulo 13, “Do Pedagogium aos processos museais na escola: por uma nova geração de museus escolares”, p. 333. Para esta edição, retomamos o debate acerca do papel dos museus escolares diante dos desafios da educação museal, compreendida como uma política pública e também como uma chave possível para novas e outras leituras de mundo a partir dos museus e dos processos museais na escola.

² GONDRA, José Gonçalves. “O veículo de circulação da pedagogia oficial da república: a *Revista Pedagógica*”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 78, nºs 188, 189, 190. Brasília: Jan.-Dez., 1997, p. 374-395.

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais. Espetáculo da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 13.

⁴ BASTOS, Maria Helena Câmara. *Pro Pátria Laboremus. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

⁵ KUHLMANN Jr., Moysés. *As grandes festas didáticas. A educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

-
- ⁶ LOPES, Maria . Margaret. “A favor da desescolarização dos museus”. *Educação e Sociedade*, nº 40. Rio de Janeiro, dezembro de 1991.
- ⁷ PEREIRA, Marcelle Regina Nogueira. *Educação museal - Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO-PPGPMUS, 2010.
- ⁸ ROQUETTE-PINTO, Paulo. *Organização e preparação de museus escolares*. Porto Alegre: Globo, BN II 390, 4, 20, 1942, p. 28.
- ⁹ Idem, p. 31.
- ¹⁰ Id. Ibid., p. 35.
- ¹¹ Id. Ibid.
- ¹² Id. Ibid., p. 60.
- ¹³ LUTZ, B. J. M. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Prof. Dr. Roquette-Pinto M. D. Diretor do Museu Nacional sobre o papel educativo dos museus americanos*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s/d. [1932]
- ¹⁴ VENÂNCIO FILHO, Francisco. Função Educadora dos Museus. Coleção Estudos Brasileiros. Discurso proferido para o Instituto Brasileiro de Educação, 1939. Mimeo., 62 p., p. 51.
- ¹⁵ Idem, p. 54.
- ¹⁶ BASTOS, Maria Helena Câmara. Op. cit.
- ¹⁷ CARVALHO, Carlos Leôncio de. Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879 - Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império, p. 92.
- ¹⁸ BARBOSA, Ruy. “Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública (1883)”. In: *Obras completas*, v. X, tomo III. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.
- ¹⁹ Idem, p. 196.
- ²⁰ NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1ª reimpressão, 1976.
- ²¹ Idem, p. 242.
- ²² CARTOLANO, Maria Teresa Penteadó. “Museus escolares, Pedagogium, lições das coisas: prenúncios da mentalidade científica na educação brasileira do final do século XIX”. *Anais do Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil....* Campinas: Feunicamp, 1996, p. 355-362.
- ²³ Idem, p. 59.
- ²⁴ Decreto de Regulamentação nº 980, de 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-980-8-novembro-1890-518331-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22/08/2019.
- ²⁵ Idem.
- ²⁶ Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 13/11/2019.
- ²⁷ CARTOLANO, Maria Teresa Penteadó. Op. cit.
- ²⁸ TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Museu e Educação*. Prefácio de Heloísa Alberto Torres. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 2ª ed. 1958, p. 39.
- ²⁹ ARAÚJO, Marcelo e BRUNO, Maria Cristina Oliveira (orgs.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- ³⁰ PEREIRA, Marcelle Regina Nogueira. Op. cit.
- ³¹ KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. “A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVEIA, G. et al. (orgs.). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: Faperj/Access, 2003, p. 63-82.

³² HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

³³ LOPES, Maria Margaret. Op. cit.

³⁴ PEREIRA, Marcelle Regina Nogueira. Op. cit.

³⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004, p. 26.

³⁶ SANTOS, Maria Celia Teixeira Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia, a educação e o museu*. Coleção Museu, Memória e Cidadania, nº 4. Rio de Janeiro: MinC/Iphan/Demu, 2008, p. 23.

³⁷ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 30ª ed., 2007, p. 110.

³⁸ Idem, p. 111.

³⁹ TORAL, Hernan Crespo. "Seminário Regional Unesco sobre a função educativa dos museus. In: ARAÚJO, Macelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (orgs.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo documentos e depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995, p. 9.

⁴⁰ VARINE-BOHAN, Hugues. "A respeito da Mesa-Redonda de Santiago". In: ARAÚJO, Macelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (orgs.). Op. cit., p. 19.

⁴¹ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Op. cit., p. 106.

⁴² CHAGAS, Mário. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Coleção Museu, Memória e Cidadania, nº 7. Rio de Janeiro: MinC/Ibram, 2009.